

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsam
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

Ao Sameiro!

PELA comissão das Filhas de Maria de Lisboa, nomeada ha pouco d'entre essa pleiade de heroínas christãs para realizar uma peregrinação ao Sameiro, em Braga, tivemos a honra de receber o seguinte apello, que com o maior prazer publicamos, rogando á Santissima Virgem se digne fazer que a nossa voz seja ouvida, e que o Sameiro seja, no dia marcado para a peregrinação, o ponto onde se reunissem, se possível for, todos os portuguezes.

Quando o atheismo assoldada gente, para, em nome da mais atroz e estúpida das tyrannias, levantar na praça publica insultos á Religião e a seus ministros, como ha pouco se viu no Porto, necessario se torna que todos os bons catholicos se unam, para, em imponentissima peregrinação, protestar contra os demasias da Revolução, porque são essas demasias que acarretam sobre os povos a ira do Senhor.

Ao Sameiro, pois; mas antes escutae, leitores, o apello que nos fazem as nobres damas da capital e que nós vos fazemos a todos vós, que sentis nas veias ainda sangue portuguez.

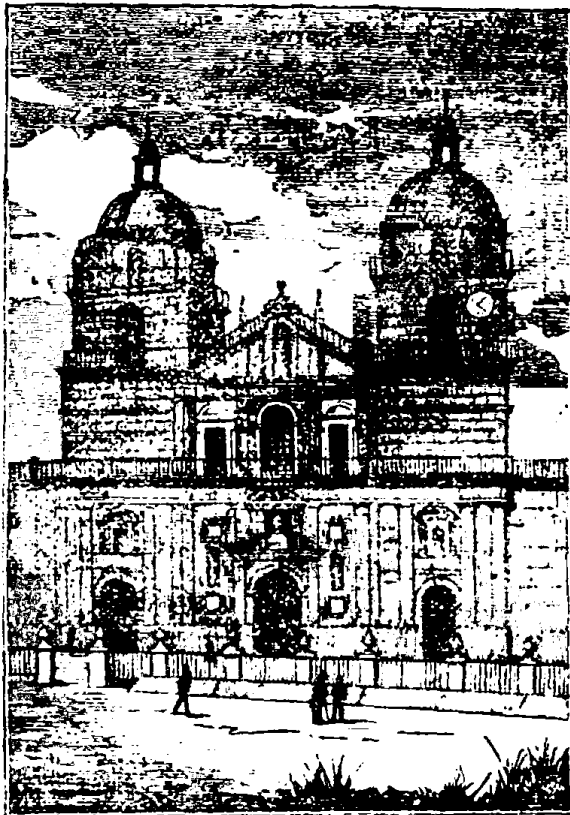
Eis o apello das nobres e catholicas damas lisboenses, que formam a sympathica associação das Filhas de Maria:

«A Congregação das Filhas de Maria, persuadida de que a protecção e intercessão da Virgem Immaculada Nossa Senhora Padroeira d'estes Reinos, é quem principal e mais eficazmente nos tem preservado da invasão do cholera morbus, que tão cruelmente tem devastado a nação vizinha, sem comtudo desconheer a utilidade e efficacia dos meios humanos que a sciencia aconselha, quando o Céu os abençoa, deliberou promover, em todo o paiz, uma Peregrinação Nacional ao Monte Sameiro em Braga, onde se venera a imagem formosissima da mesma Santa Virgem Immaculada, como geral e publica acção de graças por aquella feliz preservação e conjunctamente como publico e geral acto de supplica,

para que continuemos a ser livres d'aquelle assolador e temeroso flagello. O pensamento, pois, das Filhas de Maria, é fazer que esta Peregrinação seja uma verdadeira manifestação nacional de fé, reconhecimento e confiança na protecção de Nossa Senhora.

Ao Em.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha e ao Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo de Mitylene, as Filhas de Maria communi-

Effectuar-se-ha a Peregrinação no mez d'outubro proximo futuro, aproveitando-se a redução de preços do caminho de ferro n'essa epocha. O dia será marcado por o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo de Mitylene. Listas de subscrição d'esmollos se espalharão por todo o reino pelas quaes se receberá toda e qualquer quantia por minima que seja, para que todos possam tomar parte na manifestação. Estas esmollos são destinadas a comprar uma alampada de prata, que os Peregrinos irão offerecer a Nossa Senhora e na qual será gravada a data da Peregrinação. Se por ventura for tão consideravel o producto das esmollos, que exceda muito alem do necessario para a alampada e 100 missas pelos offerentes, será o excesso applicado para o Seminario Patriarchal de Santarem afim de que o dito Seminario possa ser ajudado na sustentação d'um maior numero d'alumnos pobres com destino á vida ecclesiastica. As listas terão no alto «Peregrinação Nacional ao Sameiro, promovida pela Congregação das Filhas de Maria». Depois os lugares para os nomes: noticia das indulgencias concedidas; dia da reunião dos Peregrinos no Sameiro; e applicação das reduções nos preços dos caminhos de ferro. A Thesoureira que as Filhas de Maria nomearam entre si é a Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria da Purificação José de Mello, da casa de S. Lourenço, cuja morada é em Lisboa na rua do Calvario, 36.



IGREJA DE S. PEDRO EM LIMA

caram este pensamento, que não só se dignaram approvar, mas ainda o mesmo Em.^{mo} Snr. se dignou conceder 100 dias d'indulgencia a todos os seus diocesanos, que previamente confessados ou ao menos de coração contricto acompanharem a Peregrinação e outros 100 dias aos que no Patriarchado concorrerem com qualquer obulo para o offerta, que a Peregrinação depositar aos pés da Virgem Immaculada, em memoria do beneficio recebido, e o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo de Mitylene acompanhar a Peregrinação e tomar d'ella a presidencia.

A' Imprensa portugueza, entregam pois as Filhas de Maria esta sua ideia piedosa confiadamente, pedindo-lhe em nome da gratidão pelo beneficio já recebido e em nome da esperança pelo beneficio futuro, que fecunde com a sua influencia e com a sua illustrada recommendação a execução d'ella no que as Filhas de Maria se persuadem de que fazem uma obra digna das bençãos de Deus e dos homens.

SECÇÃO RELIGIOSA

O Milagre da Legião Fulminante

III

No artigo antecedente deixamos provado o facto miraculoso da *legião fulminante*, não só pelo testemunho dos doutores christãos coevos ou contemporaneos, mas ainda dos proprios auctores pagãos, insuspeitos n'este ponto.

O edicto do imperador Marco Aurelio, a columna Antonina levantada em Roma para commemorar o acontecimento, o nome de *legião fulminante* dado à legião melitina, além d'outros argumentos, não nos deixam duvidar do milagre, que muitos auctores, apesar de inimigos declarados do catholicismo, teem posto na maior evidencia,

Os incredulos, e bem assim os sectarios da eschola philosophica, como repellem toda a ideia religioza e negam absolutamente a possibilidade dos milagres, por serem uma derrogação das leis naturaes, consideram como fabula todo o facto sobrenatural, por mais documentado que seja.

E por conseguinte, o facto da *legião fulminante*, segundo a philosophia anti-religiosa, não passa d'um conto de novelleiros, que só deve attribuir-se a um expediente empregado pelos christãos para fazerem acreditar o vulgo na procedencia divina das suas crenças: ou, se existiu verdadeiramente, não foi mais que o resultado de causas naturaas ainda que desconhecidas.

Estabelecido este principio, parece rigorosa a conclusão. Comtudo esta ordem de argumentos, além de ser impia, é absurda. Porquanto, reconhecendo-se o poder infinito de Deus, e querendo-se depois limitar o seu poder, é um absurdo inclassificavel negar em geral a possibilidade dos milagres.

Não nos demoramos em demonstrar a falsidade da proposição contraria: basta-nos referir o que a este respeito diz João Jacques Rousscau.

Eis o que elle escreve nas suas *Cartas da Montanha*:

«Pode Deus fazer milagres; isto é, pode derogar as mesmas leis que estabeleceu? Tratada seriamente, esta questão seria impia, se não fosse absurda, Castigar o que a resolvesse negativamente, seria dar-lhe demasiada consideração;

bastaria encarcerar-o. Mas que homem ousou jámais negar que Deus podesse fazer milagres? Era necessario ser hebreu para perguntar se Deus podia dar de comer no deserto aos que o seguiam.»

Assim seguindo o testemunho insuspeitissimo do philosopho de Genebra, é um absurdo, loucura, e impiedade negar a Deus o poder de fazer milagres. Que duvida, pois, pôde haver para não admittir o milagre da *legião fulminante*, uma vez que elle se acha evidentemente comprovado?

Diremos *evidentemente comprovado*, porque ha em seu abono provas incontestaveis, e não subsistem as razões que alguns auctores produzem em contrario.

E' verdade, e não negamos, que nem todo o acontecimento extraordinario, cuja razão de ser ignoramos, e que se nos figura contrario ás leis que a experiencia nos mostra como invariaveis, deve ser classificado como rigoroso milagre.

Pôde haver factos, simples na sua origem, e que a credulidade pouco refletido do vulgo acredita como verdadeiros milagres. Outros ha que não passam de partos, nem sempre engenhosos, de imaginações ardentes, ou de calculos astuciosos de espiritos interesseiros.

O amor do mysterio e do maravilhoso, natural a todos os espiritos, muitas vezes toma expedientes d'esta natureza para fazer vingar designios particulares.

Mas concedido tudo isto, não se pôde negar que haja verdadeiros milagres, e para os distinguir dos falsos é que se deve empregar o processo que se usa em qualquer outro facto natural; porque o milagre é susceptivel de exame. Uma illustrada critica e um juizo recto são necessarios n'este caso.

E é o que teem feito os que sustentam o milagre da *legião fulminante*, ao passo que os adversarios nada adduzem de solido contra elle.

Já dissemos que o grande facto miraculoso é defendido por sabios doutores da eschola protestante; designadamente Warburton que refutou as inepcias de Voltairre a este respeito.

Mas convem responder a alguns argumentos que em sentido contrario apresentam os que negam o facto miraculoso.

Dizem primeiramente que o nome de *legião fulminante* não foi dado por Marco Aurelio à legião melitina por que já antes do reina-

do d'este principe assim se denominava essa legião, ou pelo menos havia outra com esse nome.

Respodemos que, quando se provasse o facto que se allega, o que todavia não é certo, o que d'ahi-se concluiria é que o imperador confirmou o mencionado nome à legião melitina, em testemunho do prodigio de que fallamos.

Não se pôde suspeitar que um imperador philosopho, qual era Marco Aurelio, forjasse um facto maravilhoso: todo o seu exercito podia testemunhar o contrario. O monumento de Roma, erigido n'aquella epocha, é um publico testemunho do milagre, embora o attribua aos deuses do paganismo, o que é um absurdo.

Dizem em segundo lugar que é falso que no exercito romano de Marco Aurelio houvesse uma legião toda inteira composta de christãos, como pretende Santo Apollinario, citado por Eusebio de Cesarea.

Respondemos que Santo Apollinario não diz que a *legião fulminante* constasse toda de christãos; elle só suppõe que um grande numero de christãos faziam d'ella parte: bastava isto para lhe ser attribuido o prodigio.

Dizem em terceiro lugar que é falso que Marco Aurelio attribuisse o milagre ás orações dos christãos; porque a columna Antonina declara que foi devido a Jupiter *pluvioso*. Além d'isso, ha uma das medalhas d'aquelle imperador que attribue o prodigio a Mercurio.

Já respondemos a esta difficuldade que é de facil solução. Marco Aurelio, erigindo um monumento publico para memoria do facto, não pôde dispensar-se de o fazer conforme aos prejuizos do paganismo que professava; de resto, elle no seu edicto, enviado ao senado romano, diz expressamente que o triumpho fôra devido ás orações dos christãos, como refere Tertulliano.

Aqui replica o protestante Mosheim: é provavel que Tertulliano, fallando do edicto de Marco Aurelio, quiz referir-se ao rescripto de Antonino o piedoso aos prefeitos da Asia, no qual prohibia perseguir os christãos.

Nada mais futil que este argumento: Tertulliano nomeia muito distinctamente Marco Aurelio; e, de mais d'isso, o rescripto de Antonino não faz menção do prodigio de que nos occupamos. Mas temos tambem o testemunho de Santo Apollinario de Hierapolis, auctor contemporaneo, o qual na clo-

quente apologia que dirigiu ao imperador, cita o seu edicto ao senado.

Dizem em quarto lugar que esse pretendido edicto de Marco Aurelio, para fazer cessar a perseguição, não está d'accordo com a historia, porque é certo que pouco tempo depois do supposto prodigio os chistãos foram horrivelmente atormentados em varias provincias do imperio, principalmente em Lyon e Vienna.

Respondemos que isto só prova que as ordens do imperador foram muito mal executadas, e que a maior parte das perseguições provinham do furor do povo idolatra e da connivencia dos magistrados; é d'isto que se queixava S. Justino na sua segunda Apologia.

Por outra parte sabe-se que o imperador Marco Aurelio nem sempre conservou a firmeza necessaria para reprimir as desordens, e effectivamente renovou a perseguição.

Dizem ultimamente que uma chuva tempestuosa misturada com raios não é um milagre, mas que os oradores, os poetas e os escriptores christãos, por enthusiasmo, acrescentaram a um acontecimento natural circumstancias fabulosas.

Respondemos que raios despedidos contra os barbaros, não offendendo os romanos, é um phenomeno que nada tem de natural. Como se explica isto?

Conclusão: todas as razões, que se produzem para negar o facto miraculoso da *legião fulminante*, cahem por terra, e refutam-se facilmente.

Assim o facto permanece inconcusso, apesar dos vãos esforços da philosophia anti-christã.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Alguns pensamentos de D. Fr. Caetano Brandão

Continuado do n.º antecedente

As prendas e dotes amáveis que possuímos, se abusarmos d'elles, melhor fóra que os não tivéssemos, pois nos servirão na outra vida de objecto lastimoso de dó.

Aquella palavra do Padre-Nosso—*seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu*—é tão linda e causa tanta consolação a quem padece, que será mágoa que a percais da bocca e do coração...

As mães de familia são os esprelhos onde os meninos trazem sempre

fitos os olhos; aquellas com quem tratam mais intima e frequentemente; que encaminham os seus primeiros passos; desatam as tenras prisões da sua lingua balbuciente: começam a dissipar as trevas que envolvem o seu rude espirito; em menos palavras: á excepção d'um pequeno numero de paes que sabem estimar este honroso exercicio, ellas são as únicas mestras de seus filhos na primeira idade. Mas se por infelicidade estas mestras não tiveram uma educação virtuosa, como é crível que a possam dar a seus filhos?

De todos os beneficios que uma alma recebe da mão de Deus, nenhum é tão grande e assignalado como este:—nacer e viver no seio da Igreja, entre gente polida, amiga da Religião; abundancia de ministros ecclesiasticos capazes de a instruir; as portas dos templos abertas á toda a hora, e o sangue de Jesus Christo correndo a grossas ondas pelos canaes dos sacramentos.

Se o Principe Regente quer um meio genuino e seguro para o prevenir os perigos que ameaçam a Religião e o throno, cuide na educação da mocidade portugueza, não tanto pelo que respeita ás luzes do espirito, como aos sentimentos de coração.

Quem muitas vezes se mancha com infidelidades, justo é que se lave tambem muitas vezes com a agua amargosa da dor e da penitencia.

Todas as luzes naturaes e adquiridas nos inspiram que não temos no mundo lugares mais sanctos e respeitaveis que as nossas egrejas. O Senhor, posto que presente pela sua immensidade em toda a vasta extensão do Universo, as tem escolhido especialmente para ahi receber as nossas adorações, e fazer-se como sensível pelos beneficios que liberalmente communica aos que n'ellas o invocam.... Tudo o que o Calvario admirou de mais precioso, e tudo o que o Céu possui de mais augusto, se acha comprehendido por um modo infavel nos sagrados templos: elles são o throno das misericordias do Senhor, os thesouros da sua graça, os assentos do seu poder, em uma palavra, são aquelles novos céos que enchiam de assombro ao Propheta pela grandeza dos mysterios que encerram, e de que todo o ap-

parato magnifico do Templo de Salomão não formava mais do que uma sombra grosseira e imperfeitissima.

Sem o temor de Deus não ha precipicios onde o coração do homem se não despenhe infelizmente.

A causa de um Bispo é de Deus: aquelle pertence trabalhar e soffrer; a este fazer fructuoso o trabalho e o vingar.

Quem não semêa senão peccados, que espera senão colheita de flagellos?

Rematamos hoje (porque, se Deus quizer, continuaremos com o mesmo assumpto) pelo seguinte facto:

Nas vespersas da sahida de Lisboa para tomar conta do governo da diocese de Braga, D. Fr. Caetano Brandão escreveu uma carta a um individuo de Vianna, onde se lia:—*Dizem-me que em Braga se preparam grandes festas para a minha entrada: mas eu quizerá antes que se convertessem em supplicas e esmolas pelo feliz exito da minha administração.*

Padim da Graça—Agosto de 1885.

P.º Joaquim José Soares.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

Straus, Hegel e Dupins

Continuado do n.º antecedente

o irrecusavel testemunho que á existencia de Jesus offerecem os auctores indicados, devemos acrescentar o de outros escriptores que pessoalmente o conheceram e trataram com Elle, e de cuja vida nos deixaram noticia interessante nos quatro livros evangelicos, nas Actas dos Apostolos, e nas cartas de S. Pedro, S. Paulo, S. João e de S. Thyago. Os escriptos de S. Clemente e o antiquissimo livro de Herinas (1) vieram depois confirmar a mesma crença. Os auctores do segundo seculo da Igreja deram como certa a existencia de Jesus pela narração de testemunhas que presenciamos seus feitos; e o consenso unanime de tantos escriptores, de tantos milhões de christãos, todos conformes na mesma cren-

(1) Este livro chama-se o *Pastor*: foi escripto no seculo I.

ça, constitue uma prova muito mais robusta e convincente que todas as aberrações inventadas pelos exegetas allemães. E quando houvessem de ser rejeitadas auctoridades de tão grande peso pelo seu interesse a favor do christianismo, admittir-se-ia o irrecusavel testemunho de Montano e Valentino, Faciano e Theodoro Bizantino, hereges do segundo seculo da Igreja, que de boa mente negariam este facto historico, buscando qualquer razão em que se fundamentassem: mas não poderam combater a existencia de Jesus, porque sendo de tão recente memoria, incorreriam no desprezo publico mais profundo. Sem embargo, os incredulos tem acreditado na possibilidade de sustentar o seu erro nos dezenove seculos que vão decorridos desde aquelle grande successo; e não se detendo diante do vacuo que deixaria na historia e na consciencia de todos os christãos simillhante opinião se fosse verdadeira, publicam-na com ousadia ainda que sem razão nem fundamento algum. Nada nos dizem que diminua o claro e evidente testemunho dos escriptores judeus e gentilicos que acabamos de citar: e se a existencia de Jesus fôra um mytho metaphysico, como nos daria o Rabbino Hak-Kadosch tão claras noticias d'Elle no Thalmud?

Jesus Christo veio ao mundo no reinado de Augusto, nascendo em Bellem d'uma virgem pertencente á tribu de Judá. Fizera-se estudos e investigações para se fixar com exactidão o anno do seu nascimento, convindo em fim os sabios nas epochas seguintes: pelo anno 4:000 da criação appareceu o Redemptor entre os homens: contavam-se 1:000 annos desde a dedicação do templo, 734 da fundação de Roma, 42 do imperio de Augusto e 37 do reinado de Herodes.

Para demonstrar a existencia de Jesus citamos Tacito, Suetonio, Lampridio, Josepho, e o rabbino Hak-Kadosch, Celso, Porphyrio, e o Imperador Juliano, inimigos da religião christã, confessam igualmente um successo que não podem negar, e como necessitaremos d'estes escriptores nos capitulos seguintes, ali mencionaremos as passagens das suas obras que mostram como elles estavam persuadidos da existencia real e verdadeira, e de nenhum modo symbolica, do nosso Redemptor.

Os philosophos que no seculo XVIII tão cogamente combatiam a Igreja, tambem não duvidaram da existencia de Jesus. «Jesus Christo foi um sabio, a sua lei limitava-se a duas maximas principaes: ama a Deus sobre todas as cousas e ao teu proximo como a ti mesmo. Sua morte foi mais heroica que a de Socrates (1). Rousseau dei-

xou-nos no *Emilio* a importante confissão seguinte: «Quando Platão pintou o seu justo imaginario coberto de todo o opprobrio do crime, e digno de todo o premio da virtude, pintou com os mesmos traços Jesus Christo. A semelhança é tão sensivel, que todos os Padres a perceberam, e não é possível enganarem-se. Que preocupações, que cegueira não é preciso ter para comparar com o filho do Saphronisca o filho de Maria! Que distancia d'um ao outro! Socrates, morrendo sem ignominia e sem dor, sustenta facilmente até o fim o seu papel: e se esta morte facil não honrara sua vida, duvidar-se-ia se Socrates, com todo o seu espirito, fôra outra cousa que um sophista, inventou, dizem, a moral. Outros, antes d'elle, a tinham praticado: não fez mais que dizer o que aquelles tinham feito.... Mas Jesus, quando aprendeu entre os seus essa moral sublime e pura de que só elle deu lições e exemplo? Do seio do mais furioso fanatismo deixa-se ouvir a mais alta sabedoria e a simplicidade das mais heroicas virtudes honrou o mais vil de todos os povos. A morte de Socrates philosophando tranquillamente com os seus amigos, é a mais suave que se pode desejar: a de Jesus expirando nos tormentos, injuriado, escarneo e execrado d'um povo inteiro, é a mais horrivel que se pode temer. Socrates, recebendo o copo envenenado, bem diz aquelle que lh'o apresenta chorando. Jesus Christo, no meio d'um supplicio horroroso, roga por seus inimigos encarnicados: sim, se a vida e morte de Socrates são de um sabio, a vida e a morte de Jesus são de um Deus. (1).»

A existencia de Jesus acha-se comprovada com o testemunho de escriptores nascidos no seu tempo ou nos seculos immediatos. Muitos d'elles, que foram judeus e pagãos, acreditaram n'este successo, e nenhuma heresia se atreveu a negal-o, nem foi nunca posto em duvida pelos encyclopedistas que combateram o catholicismo com maior empenho. E entretanto, do *mytho-metaphysico* formou-se um argumento, que se nada tem de logico e de racional, é todavia mui apropriado para sancionar o pyrrhonismo historico e religioso em que divaga o entendimento humano quando busca a sua celebridade por meios singulares e caminhos errados. Testemunhas presencias referem um successo, e com a sua auctoridade e testemunho o confirmam todos os escriptores que tem florecido em dezenove seculos; mas tem a ousadia de negal-o qualquer escriptor moderno, e sem razão nem fundamento algum lan-

ça por terra uma crença universalmente aceite. Para que lado deverá inclinar-se o são e imparcial criterio? Qual merecerá mais credito, uma opinião leviã e ousada, ou o testemunho geral de auctorizados escriptores?

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

(Continúa.)

SECÇÃO HISTORICA

Funestissimo fim dos perseguidores e inimigos da Igreja, desde Herodes até nossos dias

(Continuado do n.º 20)

XI

Nero, imperador de Roma

(Morreu no anno 68 da era christã)

Eis-nos diante do tyrano, cujo nome, como diz Florez, é o compendio mais perfeito de todos os vicios, de todos os crimes, de todas as crueldades. Foi elle que inaugurou a epocha das perseguições contra a Igreja, o primeiro que publicou edito de extermínio contra os christãos.

Na idade de 14 annos foi elevado ao solio imperial, e com bem equidade governou o imperio durante os primeiros annos; depois, porém, deu principio á medonha serie de seus crimes, dando a morte ao que fôra seu mestre, a suas esposas, e o que mais é, a sua propria mãe!

Abandonara-se então a todas as paixões mundanas, e na sua loucura de querer passar por artista, desceu ao throno dos Cesares para o scenario dos theatros e d'aqui para a arena dos jogos olympicos. Era o molde dos devassos porque se haviam de aferir todos os inimigos da Igreja em todos os tempos; são ainda hoje assim os inimigos da Igreja, os inimigos dos Jesuitas, como o feroz e devasso Nero. Onde appareça um *espirito forte*, que berre nas praças publicas, nos comícios ou nas gazetas reles contra os jesuitas, procure-se conhecer-lhe a vida e ha-de achar-se o homem dos theatros, dos prostibulos, dos botequins, das tabernas, e por toda a parte onde appareça, acompanhál-o ha a fama dos seus vicios, dos seus crimes. Será um Nero mais pequeno, mas um Nero.

Um dia, quando não achava prazer no sangue que derramava, fez incendiar Roma, mandando o archote da destruição exercor o seu mister por quatro pontos distintos da cidade, e elle, o ferino e cobarde imperador, durante os nove dias que Roma

(1) *Le Sage, Voyage à Paris de Dieu*

(2) *Emilio, Prof. da fé do Sr. Sabo.*

ardeu, admirava, do alto de uma torre, o aspecto magnificamente terrível de uma cidade em chamas! E com vestes theatraes cantava, ao crepitar do fogo, um poema que havia escripto sobre o incendio de Troia!

Miseravel! Mas até n'isto esta fera coroada serviria de molle para os modernos inimigos da Egreja, que tambem como elle, incendiaram Pariz! e como os modernos Neros da actualidade, tambem attribuiu aos christãos de seus crimes; porque hoje tambem se diz que os catholicos são os inimigos da liberdade!

Levantava-se então por toda a parte a Cruz, e no vasto imperio romano creára fundas raizes a Religião do Crucificado. Era preciso exterminar essa seita de impostores, como lhe chamavam, e Nero, brutificado pelo vicio e pelos crimes que praticava, não teve pejo de culpar os filhos de Christo do crime que elle proprio praticara; apresentara os christãos como os incendiarios da grande cidade, e os tormentos mais atrozes lhes foram applicados. Inventaram-se então supplicios de uma atrocidade pasmosa, e que nós vamos narrar para que se conheça de quanto são capazes os tyranos inimigos da Egreja.

Nas praças publicas eram os christãos lançados aos cães, depois de cobertos com peis de animaes ferozes, para que os cães os devorassem; outros cravados em cruces, eram ali conservados até que a morte lenta os viesse desapanar; outros ainda pregados a altos postes cobertos de materias inflamaveis, serviam de tochas nas ruas e nos jardins imperiaes, para illuminar o caminho por onde o tyrano passava em seu carro luxuoso. Era um *liberal* muito *illustrado*, este Nero!

O proprio S. Pedro foi encarcerado nos carceres Mamertinos, d'onde saiu para o monte Janiculo, onde foi crucificado, com a cabeça para baixo, no lugar que hoje occupa a capella de S. Pedro *in Moritorio*.

No mesmo dia foi morto S. Paulo, e soffreram o martyrio n'este reinado S. Victal, e os Santos Gervasio, Protagio, Celso e Nazareo, em Roma uns e outros em Milão, porque por todo o imperio se estendera a feroz perseguição.

Chegou finalmente o anno 68 da era christã e duodecimo do reinado de Nero. Todo o imperio estava em declarada rebelião contra o tyrano, contra esse monstro, já então abandonado de todos os seus soldados, e servidores, de seus favoritos e aduladores, o que o obrigou a fugir de Roma, coberto com um humilde ves-

tido, e a refugiar-se em casa de um dos seus libertos chamado Faon.

No dia seguinte ao da sua fuga de Roma soube que o Senado o havia condemnado á proscricção e a ser açoitado publicamente com varas verdes até que expirasse, e ao ver a casa cercada de soldados e povo que o iam prender, cravou um punhal na garganta e caiu morto.

Assim acabou este inimigo da Egreja a 9 de junho, aniversario do dia em que mandara matar a mãe.

T. J. de E. Frias.

O convento de Sá em Aveiro

(Continuado do n.º 21)

VII

O EXTERIOR da Egreja d'este convento nada tem de notavel. A porta de entrada é ao lado, como acontece em quasi todos os conventos do sexo feminino, em razão dos côros, que, em geral, costumam ser ao fundo do templo respectivo.

Sobre a porta d'esta Egreja, e do lado exterior, está, em um nicho emvidraçado uma pequena, mas formosa, imagem da Virgem com o filho nos braços. Sob este nicho, lê-se:

CONVENTO DA MADRE DE DEUS

E sobre a porta lê-se:

1671

É de certo esta a data da conclusão da Egreja.

O interior d'esta é de simples architectura, mas muito proporcional, com luz bem distribuida, de regular altura e toda coberta de bons azulejos.

Está em perfeito estado de conservação e foi sempre tratada com muita decencia e desvelo.

O tecto é apainellado e com frizos dourados. O arco-cruzeiro é alto e elegante.

Os retabulos da capella-mór e dos dois altares collateraes são de bastante merecimento e com dourados em alto relevo. O throno é de altura regular.

Logo abaixo d'este e quasi sobre o sacrario está, em um nicho em forma de arco, uma bonita imagem da Senhora da Conceição.

Aos lados d'esta ficam as imagens, de tamanho regular, dos Patriarchas S. Francisco e S. Domingos; e, pouco mais abaixo, as imagens de S. Pedro e S. Paulo.

O altar collateral da parte da epistola é dedicado a Nossa Senhora do Rosario. Corresponde-lhe, da parte do Evangelho, o altar de S. José. Outras imagens, de menor tamanho, ha nos mesmos altares, e todas ellas são de algum merecimento.

Defronte da porta da entrada fica o altar de S. Francisco de Paula. A imagem é muito perfeita, e tanto esta como o altar dão bem a conhecer, que são muito mais modernos, que os outros altares e imagens d'esta egreja.

Tenho uma vaga ideia, de ler ou ouvir dizer, que foi feito este altar em 1799.

Na parede, que fica entre o côro de baixo e o de cima, lê-se:

ESTA OBRA MAND
OV PINTAR A MM
TO RELIGIOZA
D. LUIZA TEREZA.

Como este letreiro não tem data, só pelos archivos do convento se poderia saber, em que anno foram pintados os côros.

Do lado da epistola, fica a sacristia, que é de grandeza muito sufficiente, e na qual ha uma roda, que communicava com o interior do convento. Tinha *lavatorio* de pedra e havia alli alguns quadros a óleo e em ponto grande.

Em frente da porta da sacristia fica a porta, que dá para o pulpito, o qual fica juncto da porta de entrada.

Todo o pavimento d'esta egreja é lageado de pedra d'Ançã.

Sebastião Pacheco Varella, fidalgo e litterato, que muita honra deu a Aveiro, onde nascera, fez doação, a este convento, de uma quinta, que lhe estava proxima. Em parte do terreno d'essa quinta foi edificada a capella-mór, com suas pertenças.

Essa quinta foi comprada, ha annos, aos herdeiros do Sr. João Agostinho Barboza de Novaes Rangel, descendente da familia do mesmo Sebastião Pacheco Varella.

VIII

As principaes festividades, que se faziam na egreja do convento de Sá eram as da Semana Santa, S. José, Senhora da Conceição, S. Francisco de Assis, Ascensão do Senhor, Corpo de Deus, Senhora do Carmo, Coração de Maria, Santa Infancia, as Chagas de Christo, o Natal, e a festa da Senhora da Boa Morte, da qual já se fallou.

Esta egreja possuia bons paramentos e alfaias e bastantes objectos de prata. A maior parte d'estes foram levados por os francezes, quando, commandados por Junot, invadiram Portugal e levaram, a titulo de indemnização de guerra, muitas preciosidades dos conventos, cathedraes e outras egrejas. Entre os objectos, que levaram do convento de Sá, figuravam umas varas de palio, que, para melhor se transportarem, foram cortadas em pequenos bocados. Com alguns d'estes, que as religiosas poderam subtrahir, se fizeram, depois, um thuribulo e uma naveta.

Tambem escapou uma custodia de grande valor, cravejada de pedras preciosas.

Os paramentos, se nem todos eram ricos, eram pelo menos, como as outras alfaias do culto, muito decentes e em conformidade com as regras da Ordem franciscana.

Alguns d'esses paramentos e alfaias tinham sido bordadas no mesmo convento. E, como eram frequentemente concertadas e tratados cuidadosamente, achavam-se em perfeito estado de conservação. No mesmo convento tambem se faziam *flores*, que na Igreja ornavam os altares por occasião das festividades.

Estas eram sempre feitas com muita decencia. E, se nem todas eram com o apparato, (que mais faz lembrar ás vezes actos profanos, que religiosos), nunca deixavam de ser devotas, sérias e respeitaveis.


Em outros tempos, sonoras vozes (no que muito primava este convento) attrahiam ás suas festividades grande numero de pessoas, especialmente pela Semana Santa.

(Continua).

Ringel de Quatros.

SECÇÃO CRITICA

Hospital

OSPITAL do *Santo Spirito* é o maior dos Estabelecimentos Pios de tal especie em Roma, é o Hospital *geral*. A' sombra do Vaticano e do Poder Temporal dos Soberanos e Pontifices, foi sempre engrandecendo-se; e até que foi *invadida* Roma sua situação era florescente de modo a ser visitado com applauso pelos homens mais competentes da Sciencia medica. O edificio é de uma grande extensão, perto do Vaticano e assim na parte de Roma dita *Cidade Leonina*, que a *Revolução*, disse n'um momento, que não seria *invadida* mas que o foi como toda a Roma, excepto o Vaticano *estricamente dito*. O governo *intruso* tomou o Hospital do *Santo Spirito* como *tudo* o mais em que pode attentar sua mão meléfica, e vai-se vêr o resultado relativamente áquelle Estabelecimento de caridade; é *igual* aos outros resultados. Vamos reproduzir o sufficiente do *Relatorio official*, feito pelo Sr. *Augusto Silvestrelli*, director (actual) do Hospital do *Santo Spirito* em Roma, e datado de 20 de julho de 1885.

«É desolante o quadro que se apresenta hoje: é a verdadeira situação resultante do cousas diversas e de diversa natureza, as quaes contribuíram a fazer com que um patriotismo (*il patrimonio dell'ospedale de*

Santo Spirito em Roma) de *liras (francos)* 1,133,678 de ronda, esteja reduzido ás só *liras* 64,018 *disponiveis*. Eis o que afirma o director, *Augusto Silvestrelli*, no seu *Relatorio* e que mais uma vez afirma a *voragem revolucionaria*. Em vez de uma differença no rendimento para menos de 1 069,660 (!!!), se não fóra a *invasão* de Roma o Hospital do *Santo Spirito* teria augmentados os *francos* = 1,133,678, pela justa e boa administração *pontificia*.

O Sr. *Augusto Silvestrelli* diz o que *achou*, e *quíz* saber o que havia antes de se encarregar da administração do referido Hospital. A gerencia temporal *pontificia* foi sempre roeta e productiva e assim não o podia ser menos com relação aos Estabelecimentos de caridade. Depois de outros abysmos de ruinas a administração, devida, de proximo ou de remoto, ao governo *italiano* *vem agora a abysmaria ruina financeira* do mencionado Hospital, e não será o *ultimo abysmo*! O Hospital do *Santo Spirito* não só é o maior de Roma como o mais antigo, e por isto foi designado, debaixo dos Papas, *Arciospedale di Santo Spirito in Sassia*, e este *in Sassia* como recordação da piedade, ali bemfeitora do Rei de Saxonia *Ina*. Houve um tempo, em que o mesmo Hospital esteve em ruinas, mas porque n'aquelle tempo os Papas estavam em Avinhão (França) e assim tanto é certo que Roma só tem vida pela presença do Papa e do Papa em Sua Santa plena liberdade! Voltando a Roma o Papa, foi restaurado com melhoria o Hospital do *Santo Spirito*. Augmentada a população de Roma, foi mister augmentar a referida casa de caridade, e já no tempo de Pio VII havia lá 730 camas. O Papa Benedicto ou Bento XIV dotou-o com uma bibliotheca, prova do amor dos Papas pela diffusão da boa leitura, pois que os Papas querem a verdadeira instrução e não querem a ignorancia. Ainda no Pontificado de Pio IX foram feitos melhoramentos no Hospital do *Santo Spirito*, que o tornaram enriquecido com a adopção e execução de respectivas justas exigencias modernas, pois que aos Soberanos-Pontifices nunca repugnou o *Verdadeiro Progresso* antes no Papado tem este o primeiro Protector e Sublime Artifice. Invadida Roma, cessou violentamente a Acção Pontificia e a sua derivada no Hospital designado, e começou a ruina de elle como a vemos constadada pelo representante *ali official*.

Nem aos Papas esqueceu o enriquecimento artistico do Hospital do *Santo Spirito*, em architectura, em

esculptura, em pintura, para que aquelle *Aylo* dos doentes nem a tal respeito *desdicesse* da Roma Pontificia. Até 20 de setembro de 1870, dia da invasão pela *brecha da Porta Pia*, até a sessação da *gerencia pontificia* no mesmo Hospital tinha este de rendimento *Liras (francos)* 1,030,704; dos quaes eram deduzidos 271,170 para encargos e despezas, ficando a favor dos doentes e desamparados 759,539 *francos*. Do Hospital *di Santo Spirito* era dependente um *Banco di depositi* instituido pelo Papa Paulo V para que as viúvas, os tutores de pupilos e os Estabelecimentos pios, podessem n'elle depositar os seus dinheiros, e tão acreditado era tal *Banco*, sob os Papas, que as suas *cedulas* ou *cautellas* eram comumente recebidas como moeda sonante. O *Banco do Hospital do Santo Spirito* pois, além das verdadeiras vantagens proporcionadas a outros e embora o pouco juro de seus empréstimos, era de um tal movimento que fazia entrar no cofre do mesmo Hospital, e em seu beneficio para os fins *caritativos*, muitos milhares de *francos*; eis o caracter dos Estabelecimentos Pontificios, sempre justo e caritativo! O celebre clinico francez—*Nelaton*, facultativo da pessoa do Napoleão III, visitando o Hospital *di Santo Spirito*, no tempo de Sua Santidade Pio IX de gloriosa memoria, fez os maiores elogios ao modo como tudo estava n'este Hospital. E agora depois da *invasão* em Roma? ruina! e esta feita patente pelo homem que *sub* o governo *italiano* ali foi instituido como director não por decreto do governo, mas por eleição do *Conselho provincial*; declarou o Sr. *Augusto Silvestrelli* no seu *Relatorio*: que era mister dizer qual o estado *real*, e não procurar escondel-o com a *apparente regularitá dei conti*, sim com o *castello de cifras* em que são eminentes os homens de *hoje*; não é pois a *direcção Silvestrelli* que levou as cousas *áquelle ponto*, mas terá elle do não fazer mais que o seu *Relatorio* pois lhe será impossivel pôr *horizontal o plano inclinado*, só o Papa, quando decretado por Deus, era capaz de regular e recondonar todas e cada uma das cousas que a *Revolução* tem desordenado, e assim se viu depois da *Republica do triumvirato* em Roma com o seu *general Garibaldi*. Em 15 annos foi arruinado o Hospital do *Santo Spirito* obra de seculos dos Papas, tal é a *força* diabolica da *Revolução*; força que tem por epilogo a *bancarrota* de vária especie.

Dom Antonio de Almeida.

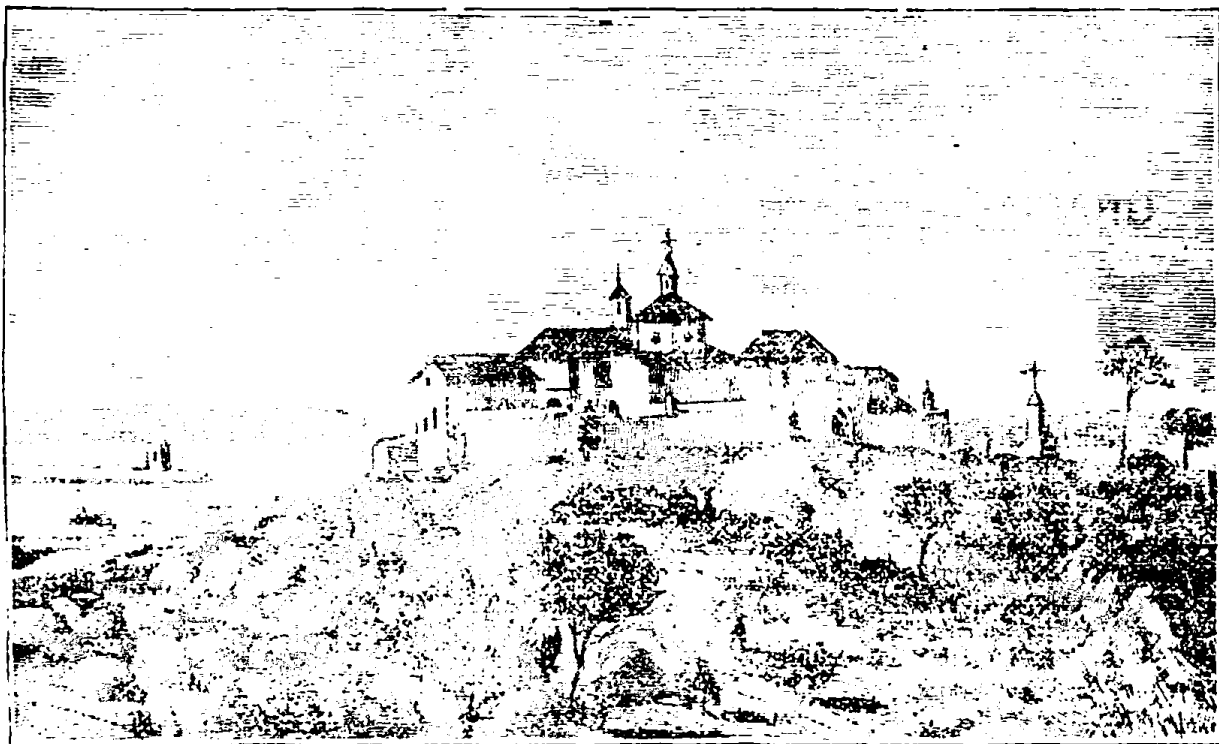


A impiedade no Porto

A maçonaria, esse dragão das sociedades modernas, não pode na sua cegueira supportar o brilho esplendente da Religião Christã. Feroz adversaria da Verdadeira Igreja, procura a todo o transe aniquilal-a, e por isso introduz-se nas obras da piedade, para nellas conseguir o seu damnado fim. Ah!, cubrindo-se com a capa da devoção e da beneficencia, vai praticando os seus abusos, e apenas a auctoridade legitima a reprehende, então, qual aspide medonha, levanta-se contra ella e insulta-a. Sirva

de ter dirigido um officio á meza da confraria, para que levantasse a prohibição que fizera ao Rev.º Padre José Coelho da Rocha, S. Em.ª decretou que se retirassem da capella os confessionarios, e do Sacrario o Santissimo Sacramento, e ao mesmo tempo aconselhou o clero a não ir exercer o seu ministerio onde não é acolhido com a deferencia e consideração a que tem direito. Este acto honra o Exc.º Prelado, porque é uma prova cabal de que S. En.ª é defensor acorrimento das prerogativas do seu clero. Só homens de mau senso, como os que fazem parte da meza da con-

car os Irmãos da confraria a fim de resolverem esta questão. Estes, reunidos em definitorio no dia 3 do corrente, approvaram a proposta feita no Palacio de Crystal. Porém n'esta reunião não houve liberdade de discussão, pois que por meio de gritos infernaes e d'uma infernal pateada foram obrigados a calar-se alguns bons irmãos, que ali iam exercer uma missão de paz. Ao mesmo tempo o povo vivava contra os Jesuitas, contra os Padres e contra o Em.º Prelado, e dava vivas a Victor Hugo e ao Marquez de Pombal! Esta barbara plebe estava sedenta do sangue d'alguns



A MARRABIDA

d'exemplo o que nos ultimos tempos tem acontecido na cidade do Porto, onde a má fé, a desmoralisação e a impiedade contam milhares d'aloptos.

N'um dos ultimos numeros do *Progresso Catholico* viram os leitores que a meza d'uma confraria d'esta cidade praticou o acto revoltante de não deixar um digno sacerdote exercer o seu sublime ministerio de reconciliar almas com Deus; livrando-as das cadeias do peccado.

E não só não o deixou, mas até alguns dos seus membros tiveram a ousadia de arrastar aos empações, para fóra da capella, o Rev.º e virtuoso Ecclesiastico. Triste, summamente triste!

Como era d'esperar, o Em.º Prelado d'esta diocese não deixou sem correcção cahir no esquecimento estes actos d'um despotismo atroz. Depois

fraria do Santo Antonio, d'Aguardente, podiam exprobar aquelle bello acto de sollicitude pastoral. E na verdade a meza d'aquella confraria, seguindo os impulsos da sua altivez e impiedade, revoltou-se contra as justas decisões de S. Em.ª, e fez um grande comicio no Palacio de Crystal para protestar contra o decreto do seu Ex.º Prelado. A este comicio concorreu muito povo, o qual ouviu, no meio d'applausos e de freneticos vãos, os maiores absurdos contra a religião Christã. Os oradores nada pouparam contra o Em.º Cardeal D. Americo, e furiosos atacaram o *Jesuitismo*, o *Papado*, e toda a auctoridade ecclesiastica.

E o povo para maior vergonha do Porto, applaudia os oradores! Um d'elles propoz que se convertesse em escola a capella da confraria d'Aguardente; e para isso resolveu-se convo-

car os Irmãos da confraria a fim de resolverem esta questão. Estes, reunidos em definitorio no dia 3 do corrente, approvaram a proposta feita no Palacio de Crystal. Porém n'esta reunião não houve liberdade de discussão, pois que por meio de gritos infernaes e d'uma infernal pateada foram obrigados a calar-se alguns bons irmãos, que ali iam exercer uma missão de paz. Ao mesmo tempo o povo vivava contra os Jesuitas, contra os Padres e contra o Em.º Prelado, e dava vivas a Victor Hugo e ao Marquez de Pombal! Esta barbara plebe estava sedenta do sangue d'alguns

bons Padres, que tomaram parte na reunião, os quaes tiveram de fugir por uns quintos a fim de se subtrahirem ao furor da ignobil populaça. Só o Rev.º Parocho da freguezia do Bomfim, d'esta cidade, teve a imprudencia de sahir pelo meio do povo, que, aos gritos de *Jesuita*, correu para elle, maltratando as cans d'este veneravel ancião.

Eis o barbaro espectaculo que estão dando os bons filhos da cidade da Virgem. Empenhados na sua revolta contra o Em.º Prelado, querem levar por diante o seu infame projecto da secularisação d'uma capella, roubando-a a Deus, para d'ella fazerem uma escola d'ensino athon, privando-a da Luz para, lho introduzirem as trevas.

Porto, 6 de Setembro de 1885.

Santos Castro.

SECÇÃO LITTERARIA

Por occasião da chegada dos illustres exploradores Capello e Ivens

E' sonho ou realidade? E' viva a patria ingento
De Gama e de Cabral, João primeiro e Henrique?
O imperio iniciado entre os trophens de Ourique
Não é das vis paixões morto no leito algente?

Vivas aclamações de ardente enthusiasmo.
Festas, gratulações, mensagem nobre e justa
A intrepidos heroes, fanaes de Africa adula.
Accusam despertar de turbido maraño?

Bemditas sejam pois! — que mostram que este povo
O mesmo é que de accões encherá peregrinas
Do mundo inteiro a historia em paginas de luz.

Mas se é certo que surge a viver grande e novo,
Não se esqueça jamais que o pavilhão das Quinas
Fluctuar só pôde ovante á sombra alma da Cruz!

Porto, setembro de 1885.

A. Moreira Beltr.

GRACIA

OU

A CRISTÃ DO JAPAO

CAPITULO XIII

[Continuado do n.º 20]

—Que já o sabia; mas como o que fazias não era cousa má, não t'o queria prohibir; que nos calassemos nós e que te deixassemos sahir e entrar sem dizer nada a ninguem.

N'esse caso, exclamou a joven sumamente contente, para que viesteis vós aqui a estas horas metter-me inédo?

—Porque desejavamos fallar-te. Forçoso é dizer-te que Valdara te seguiu mais outras duas noites e entrou contigo no templo, e ouviu o que diziam e voltou tão encantada, que me pediu licença para a deixar seguir-te todas as noites. Como penso, que nem tu podias fazer cousa alguma má, nem a senhora consenti-o concedi-lhe a licença, mas com a condição de ir eu tambem com ella uma noite para vêr o que faziam os christãos.

—E foste?

—Fui, e tambem foi Ranila e ambas ouvimos a Vicente, e com isto e com o que nos contava Valdara, nos decidimos a fazer-nos christãs.

—Christãs, vós? exclamou Mirka no auge da surpresa.

—Sim, christãs, respondeu Valdara, que até então tinha estado silenciosa; christãs como vós, porque desde que te ví na igreja pareceste-me a imagem d'um d'esses anjos de que falla Vicente; e tive um desejo tamanho de imitar-te e de fazer o que tu fazias, que desde então não tenho podido socegar. Por isso fui atraz de ti todas as noites e por isso vimos descobrir nosso segredo e a pedir-te, que me leves contigo, que me apresentes ao Pa-

dre, e que peças por mim o Baptismo. Minha mãe e minha irmã desejam-n'o tambem, mas como nós todas quatro não podemos sahir juntas sem chamar a attenção, deliberaram ficar em casa, em quanto tu, valendo-te do disfarce, e eu acompanhando-te como se fosse uma das tuas filhas, corremos á egreja para instruir-nos e baptisar-nos. Em paga desejam, que todas as noites lhes repitas o que tiveres aprendido, e que lhes ensines as verdades que contém o li-vrinho, que te deu o Padre.

—Estou prompta para tudo, minhas irmãs, disse Mirka commovida; e abraçando-as uma por uma, começaram n'aquelle mesmo instante seu apotolado, ensinando-lhes a Saudação angelica, que era a primeira cousa que ella tinha aprendido.

E Mirka sem estudar theologia e sem reflexionar mesmo no que fazia acertou no methodo que emprehendera; pois para levar almas a Jesus não ha meio mais poderoso, nem caminho mais facil, que o de inculcar o amor e devoção a Maria.

CAPITULO XIV

O estudo de Gracia

Tinha muitissima razão o bom jesuita ao asseverar, que Gracia estava estudando o Christianismo em Mirka, livro aberto, que Deus lhe apresentava para illustral-a.

Em vão a altiva princeza, a philosopha sabia, aparentava indifferença e desprezo; pois no fundo da sua alma estava travando-se n'este momento terrivel lucha d'ideias e sentimentos.

A principio tivera em cousa de pouca monta as impressões, que Mirka lhe referia; mas depois reflexionando sobre ellas, viu, que não era tão destituido de fundamento o que a joven tinha dito, e comprehendeu sobretudo, que, sendo tão poderosos os effeitos, que n'ella havia causado o Christianismo, poderosa devia ser a causa que os motivava.

Esta idéa suggeriu-lhe a de dar completa e inteira liberdade a Mirka para continuar a estudar n'ella os effeitos do Christianismo. E uma vez tomada e assente esta resolução Gracia, como era naturalissimo, occultou cuidadosamente seu modo de pensar a Mirka para poder assim estudal-a a seu modo, surprehendel-a a cada passo e lêr em sua alma simples e innocente como em um livro.

Já sabemos, que em quanto lh'o não disse o p.º Cespedes, nem sequer suspeitou Mirka o minucioso e attento exame de que estava sen-

do alvo; apesar de que já n'essa occasião Gracia tinha importantissimos indicios e havia feito muitissimas observações, que quasi a punham ao facto do fim a que se propunha.

Sem dizer nem uma palavra á cerca de religião, havia visto desenvolver-se e crescer d'uma maneira tal o espirito de Mirka; modificar-se de tal modo seu coracter e sua physionomia; adquirir tal desenvolvimento algumas de suas virtudes e fazer por emendar-se de seus pequenos defeitos, que não parecia senão, que a menina ia, á maneira de pedra preciosa posta em mãos d'intelligente lapidario, adquirindo novas e brilhantes formas e irradiando de seu seio, a cada momento que passava, mais formosos e scintillantes raios de luz.

Se d'antes era simples e carinhosa com a princeza e com seus filhos, agora via-a humilde, muito amavel e sollicita; se d'antes era soffrida e bondosa, agora a bondade attingia um grau incomprehensivel para a princeza e sua tranquillidade d'espirito abysmava-a e confundia-a. Nem se impacientava como d'antes, nem se queixava como em outro tempo, nem sequer era a leviana e inquieta do mez preterito.

Mas o que augmentava mais o assombro da princeza era o desenvolvimento, que a intelligencia de Mirka ia adquirindo, pois até quando fallava de cousas indifferentes notava n'ella ou respostas improprias da sua idade, por o acertado que revelavam ou uma attenção e uma reflexão, que d'antes não costumava ligar a cousa nenhuma.

Tambem a viu muitas vezes entregue com afincó á leitura d'um pequeno livro, quando a princeza sabia muito bem o horror, que os livros lhe causavam. E nem uma só vez sequer esta desobedeceu ás suas ordens, nem notou n'ella o menor symptoma de desgosto ou desagrado, posto que não podia dissimular a tristeza, que sua indifferença lhe causava. Para a princeza foi esta a pedra de toque, porque como conhecia perfectamente o affecto, que a joven lhe professava, quiz experimentar, se aparentando que o tinha em pouco, se queixava ou o diminuia, e com este fim sujeitou-a a milhares de experiencias.

umas vezes repellia os obsequios de Mirka, outras dava-lhe respostas asperas e sêcas; umas vezes ordenava-lhe que fizesse os trabalhos que mais a fatigavam; outras dispensava em sua presença, o maior

agrado e carinho ás donzellas e creadas que a serviam e os elogiava muitissimo para ver se excitava os zêlos ou feria o amor proprio de Mirka, e não poucas fugia, que a esquecia ou que a molestava e aborrecia a sua presença.

De todas estas provas, porém, sahia victoriosa a joven; não, por que deixasse de transluzir em seu rosto a dôr que taes tratamentos lhe causavam, que isso não podia dissimular-o, mas porque nem se queixava por elles, nem deixava de fazer com a mesma promptidão e affecto os serviços de que a encarregavam, ainda que a mortificassem muito.

E Gracia, que via e notava isto tudo, admirava-se e enternecia-se de tal fôrma, que varias vezes esteve quasi a saltar ao collo de Mirka, abraçal-a com ternura e pedir-lhe perdão por os maus tractos que lhe dava. Continha-a, porém, o orgulho, porque, d'envolta com esta confissão, ia o reconhecimento da superioridade da religião, que Mirka professava, e Gracia não queria chegar a tanto.

Todavia, sem ella mesmo o perceber, ia cada dia sentindo maior attractivo por o Christianismo, menos repugnancia a seus dogmas e mais vivos desejos de conhecê-lo a fundo pois o que seu marido lhe havia dito, jnto ao que estava presenciando em Mirka, eram para ella prova plena e decisiva da bondade da nova doutrina.

Na verdade o systema de observação e silencio que adoptava causava-lhe mais effeito e fazia-lhe mais impressão que o da disputa ou controversia; porque com ella via praticamente as vantagens Moraes do Christianismo, vantagens que no color da disputa não teria nem calculado nem conseguido tão facilmente. Discutindo com outros, seu amor proprio de sabia e de philosopha se haveria empenhado em sustentar absurdos em quanto que discutindo consigo mesma e raciocinando sobre as causas da transfor, mação que observava, ella por si só ia arroteando caminho para chegar a conhecer a verdade.

Por isso, quando Rania lhe disse, que havia descoberto o segredo de Mirka respondeu, que nenhum mal podia resultar de que a menina frequentasse a igreja christã, e sem querer nem pensar pôr a outras tres almas no caminho da salvação.

Não esperava então a princeza o que succedeu depois, porque ficou muitissimo admirada quando

d'ahi a poucos dias Rania, que lhe contava tudo o que lhe succedia, lhe referiu o effeito, que em Valdoira haviam feito os christão e o desejo que, de seguir a nova religião-mãe e filhas nutriam.

—Tambem vós quereis ser christãs? exclamou dirigindo-se a sua velha ama.

—Sim, tambem queremos sê-c, respondeu Rania, para amar-te mais e servir-te melhor.

Gracia ficou um pouco sem atinar com a resposta, mas momentos depois disse-lhe com um tom expressivo:

—Sim, sim, fazei-vos christãs; eu vol-o permitto; eu vol-o aconselho até, porque sendo-o, sereis felizes, eu só devo querer a vossa felicidade. Para vós simples e pobres, se fez essa a religião, que dá paciencia nos soffrimentos, amor aos trabalhos, tranquillidade d'espirito e serenidade d'alma. Ai! se eu fosse como vós tambem a seguiria, e em troca d'estas luctas horribéis que esphacelam minha alma, e em troca das negras duvidas que entenebrece e escurentam meu espirito, desfructaria essa paz admiravel que gozar Mirka; mas eu não posso, não posso sêr christã! Meu saber não m'o permite, minha razão subleva-se a cada um dos mysterios, em que tropeça, e todo o meu ser repelle essa doutrina. Felizes muitissimo felizes vós, que podeis acreditar n'ella; felizes sim, mil vezes mais felizes do que podeis imaginar-vos! Quanto vos invejo!

Pouco faltou para que ao terminar esta exclamação não irrompessem pelos olhos de Gracia as lagrimas, que a elles haviam assomado mas a ideia de que a vissem chorar suas creadas por uma cousa que ella não podia conseguir e que estava ao alcance d'ellas, conteve-a e serenou-a de repente.

A quantos no mundo acontecera o mesmo, que a princeza do Japão succedia! Quantos e quantos envejarão a fê simples de seus creados, e de boa vontade a trocariam pela vã sciencia de que estão cheios se não tivessem como Gracia, ideas tão elevadas de sua pessoa e de sua razão! A princeza não só consentiu, que sua ama e filhas se fizessem christãs, mas logo que soube que Mirka as instrua procurou escutar sem ser vista, as prelecções da menina. Leval-a-hia a isso a curiosidade de ver como Mirka as formulava e compunha para explicar os mysterios de que já tinha ouvido fallar, ou impulsal-a-hia o desejo

de conhecer mais a fundo o Christianismo?

Versão do P.º Lima

(Continúa.)

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Egreja de S. Pedro, em Lima

QUEM conheceu o Peru, esse vasto territorio da America, antes que os hespanhoes levassom ali a Cruz e com ella os soldados de Christo, os denodados missionarios jesuitas, ficaria admirado de ver a sua prosperidade e civilisação. Pais então selvagem, tem hoje por capital a cidade de Lima, fortissima praça nas margens do Rimac, com arcebispo catholico, Universidade, fundada em 1657, escolas de theologia, direito e medecina e muitas bibliothecas, algumas riquissimas em manuscritos, etc. etc.

A essa phalange de intrepidos filhos de Santo Ignacio de Loyola deve o Perú o seu estado de grandeza e civilisação, pois que foram, elles, durante muitos annos, com o notavel collegio que ali tinham, quem transformou um povo barbaro em povo civilisado.

D'entre as egrejas de Lima destaca-se a de S. Pedro, que a nossa gravura representa, por ser a mais bella d'entre todas. E' formada de tão grandes corpos, flanqueada por duas magnificas torres terminadas em cupula, como era uso nas construcções do XVIII seculo. O interior é formosissimo e rico em obras d'arte.

Saudemos mais essa obra dos jesuitas, porque só elles levantaram cidades e imperios importantissimos!

II

A Arrabida

Levanta se o humilde mosteiro no cimo de formosa montanha, como atalaia fitando o mar e as veigas que o contornam.

Era ali, longe do bulicio do mundo, onde só com Deus se falla, que viveram os filhos do claustro em austera penitencia, durante seculos. Era ali que se avistavam como avesinhas fugidas da fereza dos tempos, os homens do Senhor, que se cobriam com o habito da penitencia, com esse habito que hoje as turbas ignaras apedrejam, e a quem os barbaros do seculo das luzes despojaram do que era seu e dos pobresinhos.

Não nos detenhamos mais diante d'esse mosteiro venerando, que a nossa gravura representa, e deixemos

para outra occasião o occuparmos-nos d'elle, que tempo nos não sobra agora para isso.

III

Real Collegiada de Nossa Senhora de Oliveira em Guimarães

(Continuado do n.º 18)

II

Ao vestir-se Guimarães com o manto do rainha, ostentando as galas e louçanias da corte de nossos primeiros reis, operou-se o segundo passo para a sua prosperidade e grandeza. O Conde D. Henrique, estabelecendo aqui sua corte, depois do seu casamento com D. Theozza, filha de Affonso VI de Castella, achando pequena a parochia de S. Miguel do Castello, que então gosava das prerogativas da capella real (1) por ficar junto dos regios paços, fez da igreja de D. Muma capella real, extinguindo os monges e estabelecendo a Collegiada, nomeando-lhe D. Prior, caindo a escolha d'esta dignidade no seu physico-mór Dom Pedro Amarello.

Seu filho D. Affonso Henriques continuou o augmento da Real Collegiada com suas liberalidades, e muito concorreu tambem a corte d'este principe para dar impulso á grandeza da igreja de Santa Maria, porque os muitos fidalgos e cavalleiros que de todas as partes corriam á corte do moço infante eram outros tantos peregrinos e devotos de Santa Maria. E assim se foi estendendo a fama dos milagres que fazia, assim se foi formando a villa de Guimarães, assim augmentou em riquezas a collegiada.

Depois que D. Affonso Henriques soltara nos campos de S. Mamede, perto de Guimarães, o grito do liberdade e independencia da patria, e livre então da tutella do sua mãe, achando pequeno o burgo de Guimarães para acento da sua corte se foi para Coimbra, perdendo então Guimarães as honrarias que até então, disfrutara. Mas como o seu principio não tivera lugar pelo estabelecimento da corte, mas sim pela fundação da casa de Deus, nada perdeu com ver cerradas as portas do regio alcáçar, porque as portas do Santa Maria eram sempre abertas para receber os romeiros que diariamente se vinham prostrar diante da Santa Imagem. E depois da famosa batalha de Ourique aqui veio D. Affonso Henrique, aclamado rei pelos seus soldados, agradecer á Virgem Maria a victoria concedida, assignando por essa occasião novos ti-

(1) Veja-se a gravura e artigo de pag. 109 e 112 do v. 5.

tulos de privilegios e isenções de que sempre gosou a Real Collegiada.

D. Affonso II estando em Guimarães assignou novo titulo que confirmava todas as doações e privilegios concedidos, cujo documento aqui transcrevemos para que se saiba a devoção que os antigos monarchas tinham para com a Santissima Virgem.

Diz assim:

«Affonso por graça de Deus Rey dos Portuguezes, a todos os do seu Reyno, a cuja noticia esta carta chegar, saude. Sabeis que El-Rei Dom Affonso de excellentissima memoria, meu avô, que santa gloria haja, foy Padroeiro da Igreja de Santa Maria de Guimarães, & amou muito essa Igreja, & ao Prior, & Conegos della, & os amparou, & teve sempre debaixo de sua mão com todas suas cousas, que a dita Igreja tinha em seu Reyno; & semelhantemente eu sou Padroeiro seu, & amo muito esta Igreja, & ao Prior, & Conegos della, & desejo muito de os amparar em todas as suas cousas, que a dita Igreja tem muitas vezes em meu Reyno.

Pelo que sabeys que eu recebo entre as cousas, que muito amo, & de minha protecção a Igreja de Guimaraens, & ao Prior, & Conegos della com seus homens, & com suas rendas, & com quanto a Igreja de Guimaraens tem em todo o meu Reyno, & ponho tal prohibição a todos os que lhe fizerem mal algum, que quem lho fizer, me pagará quinhentos maravedis, & a ella refará perfeitamente o dano, que lhes fizer; & demais disso será havido por meu inimigo; & para que elles possam melhor defender a si, & as suas causas, deylhes esta minha carta sigillada de meu sello de chumbo, & foy feita em Guimaraens aos 6. de Setembro do anno do Senhor de 1217.»

E assim, com as cartas dos reis por egido, e com a protecção d'Aquella, que aos reis de egido servia, foi a Real Collegiada respeitada por todos até á epoca em que D. João I a enriquecera com novas honras e doações. E' ao tempo d'este afortunado monarcha que nós havemos de encontrar a Real Collegiada no proximo artigo.

Mas, já que se falla na morte, que decretada está, da Real Collegiada de Guimarães, e como os reis costumam perdoar aos condemnados em certos dias, bom era que algum, amante da sua terra, implorasse a piedade do sr. D. Luiz I para essa reliquia veneranda do passado, apontando-lhe o documento que aqui deixamos, que elle tem obrigação de fazer respeitar, ou então hade negar que é descendente dos nossos reis.

SECÇÃO NOCROLOGICA



Da ilha de S. Miguel chegou-nos a noticia do passamento da Exc.^{ma} Sr.^a D. Gertrudes Augusta de Mello e Silva Moniz, acontecido no dia 17 de Julho passado. Victima de um parto mal sucedido, foi roubada ao esposo, que durante 16 annos aurira todas as venturas que só pode gozar quem mereceu a Deus uma companheira virtuosa, e roubada foi tambem ao amor de sete filhinhos que hoje choram a mãe desvelada.

Ao desconsolido marido o Exm.^o Sr. Theodoro Moniz de Vasconcellos, assignante e leitor da nossa Revista desde a sua fundação, enviamos a sincera expressão do nosso sentimento pela acer dor com que a Divina Providencia approuve experimental-o, e a todos os nossos leitores imploramos, por caridade, as suas orações, pela alma da finada senhora, que tantas vezes teria de joelhos, satisfeito aos nossos pedidos offertando suas orações pelos nossos irmãos que a precederam no caminho da Bemaventurança, d'onde ella agora se não esquecerá de nós.

D'entre os leitores do «Progresso Catholico» mais um desapareceu. O Exc.^{mo} Sr. Vicente Candido Machado, da Ilha da Madeira, já não existe. Trocou os trabalhos d'esta vida passageira, pelos gozos eternos que na Bemaventurança são destinados aos que na terra passam praticando o bem.

Deus haja em sua santa guarda a alma d'este nosso irmão e o que pedimos em nossas orações, e de todos os nossos leitores esperamos subirão ao throno do Senhor preces fervorosas pelo eterno descanso d'um amigo do «Progresso Catholico».

RETROSPECTO DA QUINZENA

TIVEMOS a visita do Rv.^m Sr. P. Francisco Gonçalves Teixeira, correspondente dedicado do *Progresso Catholico* em Celorico, visita que muito agradecemos.

A intenção no proximo mez de outubro para os associados do Coração de Jesus, e para todos os bons catholicos será: — AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS.

Sendo, como ninguém já hoje pode negar, a maior fatalidade que pode affligir um povo, a suppressão das *ordens religiosas*, necessario se torna

R.

que as orações de todos nós se juntem perto do throno do Altissimo, para que a vontade divina conserve as congregações que existem ainda, e permita que outras novas se estabeleçam.

A miséria, a instrução, a agricultura, as artes, o commercio, tudo, perdeu, tudo paralisou com o fechar das portas d'esses asylos do santidade e saber.

As mesmas familias que possuem grandes casas, essas mesmas vão sentindo a falta do convento, como o tem provado os mais imparciais escriptores acerca do assumpto. (1)

As ordens religiosas, são a guarda avançada do catholicismo, e a sua falta em Portugal é que tem produzido os insultos que constantemente se fazem no clero secular. Peçamos todos o restabelecimento das ordens religiosas, recitando a seguinte

«Oração quotidiana durante este mez :

O meu Jesus, eu vos offereço, por meio do Coração immaculado de Maria, as orações, as obras e os soffrimentos d'este dia, em reparação das nossas offensas e por todas as outras intenções do vosso divino Coração.

Eu vol-as offereço em particular por todos os membros das Congregações religiosas que soffrem, por causa do vosso nome, perseguições da parte de vossos inimigos; afim de que depois de terem padecido com a vossa Egreja, sejam quanto antes com ella devidamente estimados.»

A intenção de Novembro será—OS ALUMNOS DO SANCTUARIO.

Muito nos compraz dar publicidade a documentos como o que se segue, porque é signal de que o canalhismo atheu ainda não invadiu tudo. Louvemos a Deus. Eil-o :

Protesto

Nós abaixo assignados, catholicos apostolicos romanos, e filhos obedientes e submissos da Santa Egreja nossa Mãe, maguados pela guerra acintosa que os governos impios e atheus declaram á Egreja e a seus mais legitimos direitos, nauzeados pelas enlumnias e insultos, que d'uma maneira a mais alvar e estúpida, a desenfreada imprensa sem Deus, sem crenças nem rubor, representada por uns certos jornalecos immundos, sordidos e ascorosos não cessam de cuspir, noventa, tola e descaradamente

(1) *Os Frades* defesa, justificação, e apologia, etc. etc. por J. de Lemos. l. v. em 8.º grande 300 rs. A' venda n'esta redacção.—Leitura recommendavel.

nas faces venerandas de Prelados respeitabilissimos da Egreja, adherimos do coração e alma a todos os protestos que se levantarem a favor do sabio e virtuosissimo Snr. Bispo d'Angra, infamo e estultamente insultado pelo novento, sordido e impio jornal angreense, o *Athleta*.

Curvados perante vulto tam respeitavel e Prelado tam virtuoso, digno successor dos Apostolos beijamos reverentes o anel de S. Exc.ª Rev.ª.

Levantamos novo brado alto e energico protestando igualmente contra o irracional e impio decreto do Prefeito de Roma, prohibindo que o Augustissimo Sacramento visitasse os enfermos da Cidade dos Papas com a pompa devida.

Reprovamos do fundo d'alma este acto como um publico insulto ao Catholicismo.

Protestamos ultimamente contra essa associação intitulada anticlerical contra suas reuniões e programma, como verdadeiro insulto e ataque feito, n'um reino que se diz fidelissimo, contra um povo crente.

Protestamos, repetimos, contra tudo o que possa maguar o coração do nosso Amantissimo Pae o Papa.

Olival 6 de setembro de 1885.

*José Maria Antunes Correia
José Rodrigues Correia Junior
Antonio Dias Pereira
Bento José Correia
Jose Rodrigues Correia Junior
Manoel Pereira Vicente
José Marques*

Ao mal que á sociedade advem da leitura dos maus jornaes, d'essa preste que invade as povoações, trasiada por garotos, sem que se lhe possa oppor um cordão sanitario, acreasco ainda a especulação torpe e vil dos escrevinhadores ignaros e dos vendedores avidos de ganancia. Repugna vôr o descaro com que se explora a credulidade publica arrastando para a rua o escandalo, e procurando com elle armar aos dez réis com que se engorda a imprensa atrelada ao carro que esmaga com seu rodar as mais caras e puras crenças do nosso povo.

E' costume vender-se pelas ruas de Guimarães, com o pregão com que se vende a sardinha ou qualquer outra mercadoria, os jornaes das ruas, os jornaes de 10 réis. Por vezes nos tem ferido os ouvidos o seguinte pregão-reclame :

A «Actualidade», a dez rs., hoje é que vale a penna, traz uma correspondencia de Guimarães a favor do P.º Mendes e contra o Arcipreste etc., etc.

Isto é simplesmente indigno de um povo que tem brio, e que tem, sobretudo auctoridades e policia. Trazer para a rua o escandalo, apresentar ás turbas, que não leem jornaes, o desrespeito pela auctoridade, mostrar um ecclesiastico em guerra com o seu chefe de comarca, é caso que nós não tolerariamos se fomos auctoridade. E não tolerariamos, porque d'esta forma, a caminhar as cousas assim, um dia annunciar-se-ha pelas ruas o insulto feito ao Administrador do concelho por um cabo de policia, ao Presidente da camara, feito por um zelador despedido, ao Commandante do regimento feito por um tambor que foi reprehendido.

Nós não temos nada com a questão do ex-parocho de S. Sebastião com o Arcypriste, mas reprovamos a especulação acanalhada dos que fazem alarde da rebelião, e que procuram o escandalo para obter dinheiro. Arranquem antes um realejo e toquem pelas ruas, e peguem uma esmola, que é mais decente.

Os missionarios catholicos tem cousas, que, francamente o dizemos, bem merecem, por ellas, a antipathia que lhe tem as associações *liberaes*.

Do «Correio da Manhã» transcrevemos a seguinte noticia, para provar mais uma vez a inutilidade d'esses martyres da Religião e da Patria. Eis a noticia.

«O missionario Folga, estabelecido em Santo Antonio na foz do Zairo continua a ser beinquistado dos negros, e a estabelecer alli o nosso dominio e o nosso prestigio por meio da sua acção suave sobre os negros. Conseguiu baptisar o rei e a sua familia, o seu primeiro ministro Mambuco e mais 70 dos seus subditos.»

Muito nos apraz uma tal noticia, não só por com ella confundir *illustrados* e *liberalissimos* anti-jesuitas, mas tambem por ser o revd.º Padre Folga, assignante e amigo da nossa revista desde o tempo de estudante no Real Collegio das Miasdeas. Damos, pois, ao illustrado e benemerito sacerdote mil parabens e louvores, que é a recompensa que terá de tantos serviços prestados á Religião e á Patria, não fallando nas eternas recompensas, que essas, com certeza lhe não faltarão. O que não terá o nosso amigo, quando regresso ao reino, será o apparatus das festas publicas, as luminarias, musicas, regatas jantares, bailes etc., etc., que ora se offerecem a dois empregados do Estado que foram, com as commodidades que dá o dinheiro governamental (que nunca chega para missiona-

rios) dar um passeio de recreio pela nossa Africa.

Isso não terá o padre Folga, mas terá a consciencia do que fez o seu dever perante Deus.

Desenvolve-se espantosamente a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, por todo o nosso Portugal. Ha dias tivera lugar a pomposa festa em Ronfe, graças ao fervor religioso do incansavel sacerdote revd.^{mo} Torrinha Machado. Não tivemos quem nos desse noticia detalhada de tão imponente festividade e por isso nos limitamos a isto simplesmente.

De F'amaliciação dão-nos a pouca noticia da não menos pomposa festa em honra tambem do Coração de Jesus, por occasião da chegada áquella villa de uma nova Imagem.

Louvemos a Deus que, apesar do desaparecimento dos frades, da guerra feita ao Clero em geral, e da protecção publica concedida aos inimigos da Igreja, ainda se vê a fé a transbordar de peitos portuguezes, ainda os povos são pela Igreja, pelo Papa.

Louvores a Deus!

O muito digno parochio de Rendufe, freguezia d'este concelho, promoveu no dia 8 do corrente uma festividade digna a todos os respeitoos d'Aquella em honra de quem foi feita. Mandára S. Revd.^m encarnar e vestir de novo uma imagem do Senhor dos Passos, e querendo leval a com a pompa devida, fez celebrar na capella do S. Francisco d'esta cidade uma festividade constando de missa cantada a grande instrumental, e sermão, feito pelo Revd.^{mo} e digno Commissario da Ordem Terceira, saindo em seguida a santa imagem em procissão, acompanhada do Revd.^{mo} Parochio, das irmandades da freguezia e de milhares de pessoas, que de Rendufe vieram acompanhar a procissão, que atravessou a cidade, seguindo para S. Torquato, onde teve lugar outro sermão pelo Revd.^{mo} Abbade de Gondomar, e d'esta freguezia seguiu para Rendufe, onde o Revd.^{mo} parochio pregou tambem.

Acompanhava a procissão uma philarmonia.

A tunica do Senhor é de veludo roxo o que se pode considerar de luxo para uma aldeia.

Muito folgamos de ver estas publicas manifestações de devoção e amor para com Deus, e por isso louvamos o nosso amigo Padre Manoel Rodrigues Cachico, digno parochio de Rendufe, pelo seu zelo e amor pela religião de que é ministro.

Não se esqueça que da cidade a

Rendufe são quasi duas leguas!

O mesmo Revd.^{mo} Parochio podiu-nos para fazermos publicar o seguinte.

Agradecimento

O Parochio de Rendufe, em seu nome e no de todos os seus parochianos, satisfeito pelo modo como foi coadjuvado para que dignamente se realisasse a procissão do Senhor dos Passos, vem por este modo agradecer a todos e muito especialmente á Meza da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, ao seu digno Commissario, ao Sachristão-mór, Padre João de Vinhós, á Meza de S. Torquato e a todas as pessoas que concorreram para uma festa de tal ordem.

Rendufe 16 de setembro de 1885.

O parochio

Padre *Manoel Rodrigues Cachico*.

A peregrinação de penitencia que no dia 8 do corrente fizeram os povos de 12 freguezias á Virgem do Sameiro foi imponentissima, como se vê da descripção que d'ella faz o nosso estimado collega o «Commercio do Minho», descripção que transcrevemos:

A peregrinação de penitencia que no dia 8 subiu o monte do Sameiro, era composta das freguezias de Santo Thyiso de Prazins, Santa Eufemia de Prazins, Mosteiro de Souto, Santa Maria de Souto, S. Salvador de Donim, S. Claudio do Barco; Santo Estevão de Briteiros, Salvador de Briteiros, Santa Leocadia de Briteiros, Salvador de Pedralva, Santa Maria de Sobreposta e S. Martinho de Espinho: 12 ao todo, com as suas cruces e tochas, e acompanhadas pelos respectivos parochios.

Reunidas na capella do Santo Antonio de Espinho, prégou ali ao povo o revd.^o abbade de Sobreposta, dispondo todos os animos para a organização da peregrinação á capella da Virgem do Sameiro, onde chegaram ás 11 horas da manhã.

Fizeram-se logo preces a vozes, celebrou missa cantada o revd.^o parochio do Salvador de Briteiros, procedendo depois á benção e encerração, em seguida ao que, prégou um sermão campal a cerca de 5:000 pessoas o revd.^o prior do Mosteiro do Souto.

Esta brilhante manifestação terminou pelas tres horas da tarde.

Muito dignos são de encomios os piedosos parochios das freguezias mencionadas, pelos trabalhos e cuidados que envidaram para a esplendorosa realisação d'este sympathico acto.»

Das 12 freguezias nove pertencem ao concelho de Guimarães, com o que nos congratulamos, e tambem por ser orador no Sameiro o nosso bom amigo o revd.^{mo} Prior de Moseiro do Souto, Padre Luiz Dias da Silva.

Tambem nos communicam de Monsão que foi imponente a festividade que na freguezia de Cambeses, e na igreja de Nossa Senhora dos Milagres se fizera no dia 23 ao martyr S. Sebastião, com missa cantada a grande instrumental, subindo ao pulpito o revd.^{mo} Padre Luiz Alves da Cruz, que fazendo o panegirico do santo, lembrou a terrivel epidemia que em Hespanha alastra de cadaveres todas as povoações, preparando assim os espiritos para a procissão de penitencia que saiu da mesma igreja no dia seguinte depois de uma leve exortação ao povo, feita pelo Revd.^m Padre João Luiz Cerqueira.

Acompanhavam mais de duas mil pessoas as imagens de S. Sebastião, Senhor dos Passos, Nossa Senhora dos Milagres, e o Divino Salvador, que levados procissionalmente pelas partes mais affastadas da freguezia, ao som dos sinos que dobravam tristemente e ao canto dos sacerdotes, determinado pelo ritual romano a que o povo respondia com a devoção e recolhimento proprio de bons filhos da Igreja.

Recolhendo ao meio dia fez-se ouvir a voz do revd.^m abbade de Santa Eulalia de Valladares, que mostrou ao numeroso auditorio o fim que os levava áquelle lugar, a necessidade de implorar o perdão de Deus, para que o terrivel flagello do cholera, que não era mais que o castigo do Senhor pela corrupção que campeia infrene por toda a parte n'este seculo de todos os progressos, mas de grande retrocesso para as coisas religiosas.

Damos os parabens nos revd.^{mo} ecclesiasticos que promoveram esta manifestação catholica, e aos povos que a ella concorreram, porque é com estes pacificos apparatus que a ira do Senhor se hade applicar.

O Santo Rosario

Os jornaes de Roma publicam o texto d'um decreto de Sua Santidade Leão XIII, que ordena, para o mez de outubro de 1885, as orações do rosario, prescriptas em 1883 e 1884, e a sua renovação nos annos seguintes, até á paz e restituição da liberdade do Pontífice.

Referir-nos-hemos mais de espaço ao decreto do Santo Padre.

J. de Freitas.